

O imaginário turístico na obra *Portugal de Relance*: Uma mitanálise

The tourist imaginary in *Portugal at a glance*: A mitanalysis

Flávia Nascimento

Universidade do Porto, Portugal
flavia.lopes.sn@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2667-4364>

Claudio Paixão Anastácio de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
claudiopap@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9587-2191>

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a imagem de Portugal na narrativa das experiências biográficas e não ficcionais de Maria Rattazzi, autora de *Portugal de Relance*. Através dessa análise busca-se compreender e identificar imagens simbólicas do país utilizando como subsídio analítico o imaginário mítico português diagnosticado pelo antropólogo Gilbert Durand, com uma metodologia analítica chamada pelo teórico de mitanálise, que busca identificar mitos, arquétipos e símbolos. Com essa leitura interpretativa, pudemos observar como é possível encontrar indícios dos mitos fundadores do imaginário de uma determinada cultura e como isso fundamenta a construção de um imaginário turístico de um destino.

Palavras-chave: Imaginário turístico; imaginário português; mitanálise; experiências biográficas; narrativas não ficcionais; Portugal.

Abstract

This article aims to analyze the image of Portugal in the narrative of the biographical and non-fictional experiences of Maria Rattazzi, author of *Portugal at a glance*. This analysis also seeks to understand and identify symbolic images of the country using as analytical support the mythical Portuguese imaginary diagnosed by the anthropologist Gilbert Durand, with an analytical methodology called myth-analysis by the theorist, which seeks to identify myths, archetypes and symbols. With this interpretative reading, we could observe how it is possible to find clues to the founding myths of the imaginary of a culture and how this underlies the construction of a tourist imaginary of a destination.

Keywords: Tourist imaginary; Portuguese imaginary; myth-analysis; biographical experiences; non-fictional narratives; Portugal.

1. Introdução

Portugal é reconhecido por seus atrativos turísticos e por, progressivamente, ter-se tornado um destino de destaque. Famoso pelas reminiscências do passado pré-histórico, céltico, romano e medieval, pelos seus navegantes desbravadores e império marítimo, até, seu presente cosmopolita e diplomático, o país tornou-se cenário de diversas narrativas de viajantes, inclusive de mulheres pioneiras que o revelaram ao mundo a partir de seus olhares.¹

Uma dessas narrativas, com repercussões complexas, ambíguas e polêmicas, foram os textos epistolares de Maria Rattazzi, na obra *Portugal de Relance*, escrita em 1879 e lançada em 1882. Nela, a escritora e jornalista francesa retrata a cultura portuguesa sob sua ótica estrangeira e, num relato sincero, espontâneo e irônico, suas impressões sobre Portugal.

A análise dessa obra se justifica pela relevância da autora – Maria Rattazzi – princesa da família Bonaparte, membro da elite parisiense do terceiro império e, por ser da alta nobreza, seus escritos tiveram repercussão e geraram grande polêmica na sociedade portuguesa.

Neste artigo, pretende-se apontar, através da leitura do imaginário português na literatura de Rattazzi, como as influências de elementos do imaginário de um destino turístico, ainda que intrínsecos e enraizados, podem ser diagnosticados a partir de um olhar atento. Uma das lentes para conduzir esse olhar será a mitanálise, metodologia proposta por Gilbert Durand (2000), para identificar os mitos fundadores e as bacias semânticas que ajudam a organizar a compreensão de narrativas.

Rer *Portugal de Relance* a partir dessa ótica permite compreender como a construção das imagens que formam a nação portuguesa, mesmo quando descritas por entre críticas e escritas com tom jocoso, exerce influência na apreensão do contexto experienciado pelo turista em interação com o país. Pode-se, assim, perceber como as imagens míticas de um determinado imaginário social, assim como seus demais símbolos e arquétipos, se tornam constituintes das percepções estabelecidas sobre seu território, sua cultura e seus habitantes, independentemente do modo como são retratadas.

A observação do destino turístico sofre influências imagéticas e imaginárias é inevitável e, por isso, estudos sobre o imaginário em torno de destinos turísticos vêm sendo debatidos por autores e sob pontos de vista diversos.

Um destino se constrói e se reconstrói a partir das dimensões e representações simbólico-imagéticas com impacto nas experiências vividas concordam Gastal (2005) e Maria Gravari-Barbas e Nelson Graburn (2012) que, em seus estudos, buscam compreender o fenômeno turístico estendendo o viés mercadológico e econômico para os campos cultural e simbólico-afetivo. Este será o ponto de partida deste trabalho.

¹ Como, por exemplo, a escritora e jornalista suíça Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), que escreveu em suas crônicas as suas passagens por Lisboa, e a escritora Mary McCarthy (1912-1989), que escreveu dois textos consideráveis: *Letter from Portugal*, publicado no periódico *The New Yorker* e o artigo *Mister Rodriguez of Lisbon*, publicado em *The Harper's Magazine*. (Serrano, 2019).

2. A construção do imaginário turístico

Mesmo antes de se deslocarem, os viajantes antecipam contato com o local a partir de representações diversas – "fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por intermédio dos velhos e queridos cartões-postais" (Gastal, 2005:13) – e é por esse contato com as informações (imagéticas ou discursivas) que eles se conectam com a dimensão simbólica (ou imaginária) dos locais:

[...] as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local "romântico", outro "perigoso", outro "bonito", outro "civilizado". A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, porque não, a pessoas?) temos chamado de imaginários. (Gastal, 2005: 13)

Essa penetração do imaginário nas peças comunicacionais rumo ao âmago das culturas foi bastante detalhada por Araújo e Silva (1995) quando, num estudo sobre a mitanálise enquanto método, os autores propõem o conceito de ideogramas – entendidos como os menores pedaços de informação capazes de sintetizar visões de mundo sob a forma de imagens significativas. Os termos citados por Gastal se encaixam nessa categoria. O imaginário turístico evoca uma compreensão multifacetada e de sentidos múltiplos, não só do universo simbólico do local turístico, mas também da concepção que os turistas constroem sobre o local.

O imaginário turístico representa uma parte específica da visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais, de outros lugares que não aquele de sua residência principal, referindo-se aqui a contextos territoriais nos quais podem ocorrer alguns tipos de atividades de turismo e lazer. (Gravari-Barbas & Graburn, 2012: 1)

Para Salazar (2012), um estudo empírico e cuidadoso sobre as articulações e (des)conexões entre os imaginários turísticos e seu contexto mais amplo é uma forma frutífera de analisar o turismo. Afirma também que é improvável separar turismo e imaginários. Para ele, a função imaginária, apesar de não apresentar uma realidade necessariamente factual, possui uma pujança subjetiva e apela ao idealizado, à fantasia e ao afetivo, para assentar-se na realidade e ajudar, tal como uma sereia sobre os rochedos, a mover turistas rumo aos seus destinos.

Prospective tourists are invited to imagine themselves in a paradisiacal environment, a vanished Eden, where the local landscape and population are to be consumed through observation, embodied sensation, and imagination. If anything, tourism is part of the "image production industry" (Harvey, 1989, pp. 290-293), in which identities of destinations and their inhabitants are endlessly (re)invented, (re)produced, (re)captured and (re)created in a bid to obtain a piece of the lucrative tourism pie (cf. Kirshenblatt-Gimblett's (1998) ontological 'hereness' and 'madness' of places, peoples, and pasts). This is especially true of cultural tourism or tourism with cultural elements (Amirou, 2000). (Salazar, 2012: 866)

Presentes de forma latente na experiência turística, desde o processo da construção da ideia de um local e na busca da comprovação dessa autenticidade de um destino turístico

(MacCannel, 1976), às formas mediáticas que retratam um destino (Uriely, 2005), até as camadas mais profundas do psiquismo em imagens arquetípicas, simbólicas e míticas, esses registros imaginários manifestam-se em diversas formas de produção cultural.

Desde a antiguidade, viajantes e peregrinos compuseram documentos que poderiam ser identificados como versões vetustas de guias de turismo. Pausânias (geógrafo e viajante da antiga Lídia – atual Turquia) escreveu um extenso e completo relato sobre sua viagem à Grécia central e à região do Peloponeso. Vivendo sob o Império Romano e usando os mitos ancestrais do passado grego como guia, seu trabalho legou à humanidade um extraordinário repertório de conhecimentos sobre a Grécia antiga (Lavaur, 1971; Elsner, 1992; Katsoni & Fyta, 2021).

Entre o fim do século XVII e início do século XVIII, aristocratas viajaram em busca de experiências culturais, de prazer e do conhecimento de lugares imagináveis (ou inimagináveis) que “habitavam” produtos culturais como livros, jornais e folhetins (ou seja, que de alguma forma compunham o imaginário registrado sobre eles). Assim, os *grand tourists*, diferentemente dos combatentes de guerra, peregrinos ou missionários, filhos da economia e cultura iluminista e da Revolução Industrial, são tidos, pela historiografia da prática social de viajar, como os primeiros praticantes de viagens por puro prazer e amor à cultura a serem registrados (Salgueiro, 2002). O novelista britânico Thobias Smollet, o poeta alemão Johann W. Von Goethe e o especialista inglês em antiguidades e teórico em estética Richard Payne Knight (Salgueiro, 2002), por exemplo, deixaram um legado de relatos que modificaram a forma de compreender a peregrinação pelos lugares onde passaram.

Esses relatos foram fontes de inspiração e de conhecimento do imaginário de diversos locais, e de acordo com Silva *et al.* (2019: 2), “já despertavam no próximo a busca do querer viajar. As imagens vistas, as paisagens pintadas e narradas de um indivíduo para o outro já traçavam a relação entre imagem e imaginário.”

Maria João Cordeiro (2011), por exemplo, analisa, em *Perpetuating tourism imaginaries: Guidebooks and films on Lisbon*, alguns destinos de Portugal que serviram de cenários para produções culturais, como filmes, livros, etc. e ajuda a compreender o imaginário português pelo viés turístico destacando e debatendo a maneira como o guia de viagem se entrelaça significativamente com discursos sobre Portugal e sua cultura. O que passa despercebido, no entanto, é o quanto essas produções estão carregadas de elementos simbólicos que remetem, muitas vezes, a um imaginário quase não identificável quando se faz uma leitura superficial dessas produções artísticas, sejam cinematográficas, literárias ou musicais.

A cultura lusófona não foge a essa regra, e a partir de uma delicada análise, pode revelar elementos sutis, mas latentes, da sua construção imaginária. O imaginário turístico de um determinado destino, representado em qualquer tipo de obra artística, é consequência de uma bacia semântica carregada de história, arquétipos, símbolos e representações. Para entender o Portugal turístico de uma maneira mais profunda é importante mergulhar nessas representações que sustentam as formas de como sua cultura se apresenta.

A compreensão de um imaginário turístico e sua gestão pode ajudar a propagar a imagem de um destino e o trabalho com suas imagens mediáticas pode permitir apresentar a imagem de uma cultura sem recorrer a estereótipos vazios, aprofundando-se social,

cultural e antropologicamente, e encontrar referências que vão para além dos clichês comerciais.

Ideologemas como “perigoso”, “bonito” ou “moderno”, por serem dotados de sentido e facilmente transmitidos, estão sempre presentes, perceptivelmente ou não, nas comunicações humanas. Segundo Araújo e Silva (1995), o imaginário social se baseia em um forte apelo afetivo e torna os ideologemas capazes de estimular e motivar as pessoas para a ação (inclusive no estabelecimento antecipado de vínculos com lugares, culturas e povos) pelo apelo ao mítico). Ideologemas são parte da construção de identidades coletivas (de indivíduos, grupos e populações, podendo estar presentes de maneira estática (inativada) ou dinâmica (ativada) nas culturas dependendo da forma como os discursos os mobilizem. Encontrar formas de mobilizar essas bases, no entanto, não é simples. E voltar a obras passadas, como *Portugal de Relance*, é essencial para se entender como esses processos se desenrolam e, a partir daí, encontrar o que pode vir a ser um caminho inicial e visões pioneiras sobre como trabalhar o imaginário turístico de forma sistemática.

3. Portugal de Relance e a nostalgia das navegações

Os encantos e desencantos de Portugal são reconhecidos pelos viajantes em literaturas de viagem, principalmente a partir de escritos do século XIX. Esse é o caso da já citada obra *Portugal de Relance*.

No livro, crítico e cômico, Rattazzi, uma típica flâneur² parisiense, observa a cultura de Portugal, seus costumes, modos de viver, gastronomia e muitos outros detalhes. Em uma obra dividida em dois volumes, com vinte quatro capítulos de caráter epistolar, ela conseguiu fazer com que a atenção de muitos portugueses se voltasse para si mesmos, seu povo e seus costumes – tudo isso a partir de sua perspectiva sagaz e irônica sobre a cultura lusitana.

Ao deitar os olhos com mais atenção sobre Portugal de Relance como objeto de uma mitanálise, um dos primeiros ideologemas (Araújo e Silva, 1995) identificáveis, ainda que sendo tratado estereotipadamente como objeto de crítica, é a relação portuguesa com o mar, com o passado glorioso em relação a ele, a fama de império marítimo e sua expansão por mar realizada ainda no final da idade média.

Esse olhar peculiar pode ser observado no segundo volume da obra, carta dezanove, referindo Rattazzi a pompa injustificada da marinha portuguesa:

Ha uma cousa notável na marinha portugueza, é a extraordinária quantidade de officiaes e o numero diminuto de marujos. E impossivel dar um passo nas ruas de Lisboa sem encontrar um official ou um aspirante de marinha; em compensação raras vezes vemos um marujo. Se nos propomos visitar um navio de guerra portuguez, deparam-se-nos alguns; mas saltea-nos então uma idéa extravagante, lembra-se a gente vagamente se na camisola azul d'aquelle obscuros e rareados servidores não se occultarão as pelles dos srs. officiaes, ciosos de manterem ileso o amor próprio nacional... (Rattazzi, 1882, vol. II: 81). [Neste trabalho, transcrevemos a ortografia original]

² Flâneur deriva do verbo francês *flânerie*, o ato de passear e pode ser traduzido como andar sem rumo. O termo foi utilizado por diversos autores do século XIX, para descrever a prática de observar o mundo, buscar inspiração e aguçar os sentidos, e ganhou notoriedade entre intelectuais, como Balzac e Fournel.

Pode-se sugerir que a opinião excessivamente crítica da autora sobre o suposto excesso de oficiais (ou de sua ostensiva exibição) em Lisboa venha de uma não compreensão da intensidade com a qual os elementos simbólicos e imagéticos do passado marítimo de navegações afetam os portugueses. No entanto, o fato de ela os ter percebido e a reação que eles lhe despertaram ressaltam sua pujança, e a sugestão (guardada a distância temporal) de que elementos como esses sejam mais bem explorados e trabalhados transformando-se de objeto de mero estranhamento em fonte de encantamento.

Uma ilustração da força desse imaginário marítimo e do potencial que ele tem para, quando bem trabalhado, impressionar positivamente as pessoas pode ser encontrada nos comentários do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1995) sobre a forma como o espírito das navegações converteu a figura do Príncipe Dom Henrique, um filho da idade média, na figura do Navegador – um tecnólogo à frente do seu tempo, capaz de reunir todo um aparato para montar navios com objetos e instrumentos que ainda não haviam sido colocadas juntas: leme fixo, velas latinas, bússolas e astrolábios. Pela pena de Darcy Ribeiro se leem parágrafos em que se percebe o encantamento do autor ao ressaltar como as justificativas dos portugueses para lançarem-se ao mar ultrapassam aquilo que, aos olhos de seus contemporâneos brasileiros, se resumia à busca por especiarias. As justificativas são, para ele, muito mais amplas e encontram na imagem do navegador (e de sua mítica escola) um símbolo de pertinácia, ousadia e inovação de um povo que vivia em um pequeno território, porém com fronteiras estáveis (as mais estáveis até então) que, pressionado pelos inimigos espanhóis, foi obrigado a lançar-se ao mar.

Em suas palavras, a necessidade de ir ao mar para pescar e sobreviver soma-se à necessidade de expansão para além dos adversários e, sob esse signo, se converte na necessidade de navegar para descobrir e conquistar. A partir de uma elegância contextualizada no tratamento dos símbolos, as imagens que definem a cultura marítima portuguesa, a partir da leitura que ele faz desse caldeirão em ebulição, são coloridas por pulsões profundas de desvendar o limite de um horizonte que naquela época, aos olhos do senso comum, ainda era assombrado por espectros de monstros marítimos e armadilhas insondáveis.

Temos aqui o exercício de pensamento de um estrangeiro que emula, em um passado recente, a eloquência de escritores portugueses que evocaram um elenco de perigos reais e fictícios, muitos dos quais, alimentados pelas viagens, aventuras e desventuras de Ulisses na *Odisseia*,³ de Homero para enaltecer os feitos desses pioneiros. Ulisses, aliás, irá se tornar, junto com Enéas (da *Eneida*, de Virgílio), Luso (supostamente filho ou companheiro do deus Greco-romano Baco) e os Argonautas, inspirações para que Luís de Camões escrevesse o seu *Os Lusíadas*, transportando a viagem de Vasco da Gama e as conquistas portuguesas do plano dos registros históricos para o plano das grandes obras da literatura mundial.

4. Apego ao passado, decadência dos heróis e paixões portuguesas

Em *Portugal de Relance*, Rattazzi aborda a família real e detalhes pitorescos da corte, as distrações e divertimentos deles à época e a simpatia do "jovem príncipe D. Afonso"

³ A partir da conquista romana, essa obra popularizou o nome e a imagem do herói grego Odisseu sob a vestimenta de sua versão latina (Ulisses) por todo o ocidente.

(Rattazzi, 1882). Discorre sobre o clero e a cultura religiosa do país; a nobreza; a cavalaria antiga e moderna em Portugal; o caráter do povo português e os mais diversos aspectos de sua cultura, como: suas loterias, teatros, jornais, clima, língua, agricultura e comércio. Rattazzi, com sua narrativa muitas vezes jocosa e crítica, deixa transparecer um encantamento pela cultura lusitana, permeada por certos mitos fundadores e arquétipos que persistem até hoje:

O presente: É incontestável que o Portugal de hoje, já não é o de Albuquerque, de Vasco da Gama, nem o de Camões. Já não descobre mundos, não os conquista, não escreve mais *Lusíadas*. Já não pensa em renovar esses tempos em que, pelas suas possessões, pela sua população pela sua marinha e pelo estado das outras potencias, tomara lograr no número das primeiras nações da Europa. Deve honrar a memoria d'aquelles que tomaram a sua parte, em tanta famosa proeza, mas não quer desviar-se das suas recordações históricas, nem procurar o ideal moderno n'outro ponto que não sejam as glórias do passado. (Rattazzi, 1882: LXXII - LXXIII)

Novamente, aqui, se observa a visão crítica da autora em relação ao apego português ao passado, e permanece a impressão de que se, do ponto de vista turístico, ele fosse trabalhado como o são o passado dos países do Reino Unido ou o passado de sua França natal, essa relação poderia ser diferente. Fica da leitura a impressão de que a autora percebe e aponta um descompasso entre o passado glorioso relatado por seus anfitriões e a sua realidade conformada ou conformista.

Essa visão evidencia que lhe são familiares, as manifestações culturais e sociais de grande parte das referências simbólicas que ajudaram a fundamentar a pulsão imagética de Portugal e que, como ela reconhece, estão ligadas à glória do passado, à lembrança de uma nação que já foi grandiosa, uma ideia que segundo Durand (2000), encontra-se intimamente conectada a mitos⁴ e mitologemas⁵ do imaginário cavaleiresco, permeado pela imaginária Cristã, e que, talvez, seja a responsável do português ter “[...]ultrapassado os limites de reconquista continental, constituindo um imaginário receptivo à aventura marítima e à Conquista do Mundo.” (Durand, 2000: 86).

Rattazzi, entretanto, não se contenta em descrever essas glórias e nem julga que glórias passadas sejam o suficiente para justificar um presente de acomodação. Ela manifesta incômodo ao testemunhar o longo ocaso de um passado de ousadia e inovação em um presente de relativa impotência:

E também, que contrastes nessa historia! A miséria a par do esplendor, a fraqueza a succeder à falta de energia! A idade-média a apresentar esse grande espectáculo de reis estreitamente associados à nação representada pelas côrtes: depois as luctas contra a nobreza e o clero, e a inquisição triumphante afogando a liberdade e o progresso:

⁴ “O mito se configura como um relato (discurso mítico) que dispõe em cena personagens, situações, cenários geralmente não naturais (divinos, utópicos, "surreéis", etc.), segmentáveis em seqüências ou reduzidas unidades semânticas (mitemas) onde, de modo necessário, está investida uma crença - contrariamente à fábula ou ao conto - (chamada "pregnância simbólica" por Cassirer).” (Durand, 1985: 244 - 245)

⁵ “[...] estruturas quase formais de um mito ou de uma seqüência de mitos.” (Durand, 2000: 86)

depois, ainda, a ruína, a invasão, a guerra civil, e, finalmente, uma restauração tão ansiosamente esperada. (Rattazzi, 1882: LXX)

E, novamente, faz oscilar o pêndulo do reconhecimento para a crítica e lamentar, em sua narrativa, a fixação na saudade da glória passada:

A sua história mais o induz a descançar do que a caminhar: e tendo contribuído largamente para a obra da humanidade, deve poder viver à sombra dos seus louros. Como os descendentes dos que conquistaram a fortuna e os homens pelos seus trabalhos perseverantes, alguns povos históricos renunciam ao exercício da sua actividade e vivem do passado [...]. (Rattazzi, 1882: LXXII)

Apesar dessas críticas à nostalgia portuguesa, é justamente essa melancolia da memória que estrutura alguns mitos fundamentais da cultura lusitana tornando-se, portanto, o próprio combustível de sua ação expansionista. Durand estruturou uma mitanálise⁶ do imaginário cavalheiresco português por trás dos descobrimentos baseada em quatro mitologemas fundadores: O “Fundador vindo de fora”, a “Nostalgia do impossível”, o “Salvador oculto” e a “Transmutação dos actos” (2000: 88). Através dela, fugindo das reduções semânticas aprisionadas em estereótipos que permanecem no raso dos significados, podem-se compreender os motivos desse apego à memória e ao passado que reina no imaginário de Portugal.

No primeiro mitologema, Durand reflete sobre a noção universal do herói fundador, recorrente nos mitos de várias civilizações. No caso de Portugal, segundo Durand (2000), o fundador/herói estrangeiro é evocado e amalgamado à imagem de Vasco da Gama, navegador e descobridor memorável. Navegador, aliás, que Camões compara com outros grandes navegadores mitológicos e literários como Ulisses/Odisseu (da *Odisseia*, de Homero) e Eneias (da *Eneida*, de Virgílio), incorporando elementos dramáticos e mitológicos dessas obras à narrativa poética de sua história – como ao reunir Luso (suposto companheiro do herói troiano Enéas) com Afonso Henriques, filho do rei Henrique I⁷ fundadores de Portugal.

Juntam-se, assim, o primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques – “O rei fundador”, filho de D. Henrique⁸ –, São Vicente – cujo corpo martirizado teria vindo dar, por mar, a costas portuguesas –, o já citado fundador mítico Luso e, finalmente, Ulisses – suposto fundador mítico de Lisboa (Durand, 2000) que tem, em sua homenagem, o “Observatório de Ulisses” no Castelo de São Jorge, um busto no miradouro de São Pedro de Alcântara, e o “passeio de Ulisses” no Oceanário de Lisboa.

⁶ A mitanálise é o método que busca a identificação dos mitos dominantes que vitalizam os níveis da tópica sociocultural e dos mitos latentes, marginalizados e não-autorizados, que trabalham a sociedade num nível profundo expandindo sua leitura para o campo das instituições e das práticas sociais (Barros, 2010), passando dos textos aos contextos e lendo as ressonâncias de um mito estabelecido “em uma sociedade ou momento histórico.” (Barros, 2010: 138).

⁷ “A formação do reino de Portugal deu-se no séc. XII [...] em resultado de ações bélicas e políticas desenvolvidas pelo seu primeiro rei, D. Afonso Henriques e seus apoiantes.” (Dias, 2019: 181)

⁸ “D. Teresa, a mãe de Afonso Henriques, era filha natural de Afonso VI de Castela e Leão (com a sua concubina Jimena Moniz), inscrevendo-se assim numa linhagem peninsular, real e prestigiada. Já o seu pai, o conde D. Henrique, apesar da sua alta ascendência, a família ducal da Borgonha, era um estrangeiro, um filho mais novo, um aventureiro, que procurou a sua sorte na Península Ibérica.” (Dias, 2019: 184).

Esse passado mítico/imaginário, reconhece a própria Rattazzi, em Portugal ganha a concretude de fazer descobridores e realeza, serem vistos como heróis e santas (a exemplo de D. Afonso e a Rainha Santa Isabel):

A historia de Portugal é uma escola de heroísmo, como disse o grande imperador; é uma historia maravilhosa escripta pelas esplendidas ações de Henrique de Borgonha, de Afonso Henriques, de Egas Moniz, Bernardo de Froilas, o Cid portuguez, de Álvaro Paes, de Verez Corrêa, Martim de Freitas, Giraldo Giraldes, AlTonso II, Afonso III, rei dos pobres, o bom D. Diniz, o pae do povo, Afonso o Bravo, D. João de Aviz, o santo condeslavel D. Nuno Alvaies Pereira, o infante D. Henrique, D. João II, D. Manuel o Afortunado: e de todos esses heroes das Índias, Vasco da Gama, Cabral, Pacheco, Albuquerque, D. João de Castro, Luiz de Athayde. Desde Vieira, esse heroe do Brazil, até ao marquez de Pombal, o ministro comparado a Richelieu! Que serie de nomes illustres! Que successão de gloria! (Rattazzi, 1882: LXX)

Porém, a decadência dos anos, a falência da estrutura real e a tentativa de sustentar um status de glória, quando já não havia mais, tornam-se alvo de severas críticas de Rattazzi, convertendo o aspecto heroico, que ela demarcou nos escritos do prefácio, num retrato do declínio da nobreza através da sátira à família real e da revelação de problemáticas de uma corte onde acontecimentos banais tiravam a nobreza de seu pedestal. Ao ironizar o príncipe D. Afonso e escrever sobre a “Instituição dos títulos” ela retrata a emergência de uma nova nobreza:

Pode-se pois afirmar que a velha nobreza existiu, mas já hoje não existe. Em compensação, ha uma nobreza novissima, que se multiplica como os cogumelos, invasora e exuberante. Felizmente, a ninguém prejudica senão a si própria. Em Portugal não se obteem facilmente os títulos de duque e marquez: é indispensável merecel-os [sic]. Os de conde são frequentes; os de visconde e barão dão-se a esmo. (Rattazzi, 1882: 13)

Outras representatividades do imaginário de Portugal não escapam ao olhar atento de Rattazzi. Suas observações parecem ecoar o segundo mitologema identificado por Durand (2000: 91): a “vocalção nostálgica do impossível”, uma nostalgia cravada no imaginário português desde a palavra saudade até aos cantos de fado, que em todos os temas de seus cantos apresenta “a nostalgia do impossível que o passado irreversível e a morte irremediável significam” (Durand, 2000: 92).

Se o autor cita as lendas de Inês e Pedro (o Cru) e a história de Soror Mariana – ambas sobre amor impedido, interrompidos pelo abandono ou “[...] impossíveis pelo objeto inacessível irremediavelmente separado pela morte, pelo afastamento e pela reclusão do convento” (Durand, 2000, p. 93) – para fundamentar essa vocalção nostálgica, Rattazzi por seu turno, reconhece a imagem dos amores e das paixões nos costumes e modo de ser do povo lusitano mas lhe empresta um tom de pilhéria e crítico reconhecimento de uma certa voracidade que compõe o lado oposto e sombrio dessa paixão:

Os portuguezes e as portuguezas são essencialmente apaixonados. Esta expressão pode traduzir-se literalmente pelo mesmo vocábulo equivalente. Se um portuguez poz os olhos em uma mulher e deseja revelar-lhe qual o estado do seu coração, espia-lhe a

sabida, segue-a a distância, relanceando os olhos de tal modo que nos obriga a pensar que o homem tem uma agulha espetada nas guelmas ou que é vítima de laboriosa digestão. (Rattazzi, 1882: 83)

Impossível não reconhecer na crítica da autora, os olhares cobiçosos que algumas mulheres recebem, ainda hoje, de transeuntes masculinos em suas andanças pelos logradouros do país.

Esse desnudamento da obscuridade por detrás da associação da nobreza e da virtude com a saudade, a nostalgia, a espera, a falta e tudo mais aquilo que se encontra no além (seja o vazio, o além-mar ou o inalcançável) volta a se manifestar quando se analisa a apreensão que a autora faz da nobreza presente no terceiro mitologema, designado por Durand (2000: 93), “o do salvador, do rei que espera, escondido, a hora do regresso.”

Enquanto para Durand (2000), essa imagem encontrada em diversas civilizações (como, por exemplo, a vinda do Messias judaico, de Cristo, do Kereshâpsa persa, do Odisseu grego ou mesmo do rei Artur) ressurgem em Portugal sob a vestimenta da virtude na figura do rei D. Sebastião (nascido em 1554 e desaparecido em 1578 após perder a batalha em Alcácer-Quibir cujo retorno triunfal foi, por muito tempo, aguardado no imaginário português), para Rattazzi a realeza se assenta no âmbito da vulgaridade. Embora enalteça figuras históricas, deixa clara sua posição quando fala da epidemia que assolou a monarquia de Portugal e matou o rei D. Pedro V. Ao narrar que “A mortalidade crescia, mallogrando todos os esforços da ciência e zombando das mais altas hierarquias. O próprio D. Pedro succumbiu também” (Rattazzi, 1882: 2), a autora parece dizer que, ao contrário do que pregavam os sebastianistas, os reis também morrem.

Quando escreve sobre o rei D. Luiz deixa claro que apesar de nobre, é ainda humano, e satiriza tanto seu jeito de viver, quanto sua dedicação às artes e a uma vida sem agitação ao lado da rainha Maria Pia, deixando por entrelinhas que acha a vida do monarca deveras enfadonha.

Enquanto Durand une-se ao jesuíta António Vieira para evocar o sebastianismo e afirmar que:

Portugal é o reino que deve assumir a vinda do Reino de Deus. O “soberano oculto” é chamado para executar os desígnios divinos e tornar-se-á Imperador do Mundo. Deste modo o sebastianismo, de caráter claramente político, reencontra, graças ao talento oratório de Vieira, a sua amplificação messiânica. (Durand, 2000: 95)

Rattazzi, principalmente quando retrata a importância da cavalaria, um elemento intimamente conectado ao caráter religioso do povo lusitano, inicia com o elogio ao que Durand (2000) chama de espírito cavalheiresco das navegações:

Comecemos pelo passado. Que há maior que a época heróica da sua historia? Que coisa existe mais maravilhosa que a conquista das Índias?... Camões só teve que relatar fielmente em uma linguagem digna dos altos feitos que celebra e do heroe cuja gloria canta, os grandes acontecimentos que assignalaram a historia da sua patria, para escrever um esplendido poema; porque as proezas mais parecem ficção de epopea, que realidade da historia! (Rattazzi, 1882: LXX)

Para, na quarta carta, ao tratar da cavalaria portuguesa, alternar sua posição entre críticas à burguesia, à qual são atribuídos tantos (e injustificados) títulos de nobreza e o campo da consagração da cultura portuguesa ao referir-se aos grandes homens cavaleiros que ajudaram a construir a história do país como “verdadeiros corações de leões”.

Mais à frente, abordando a cavalaria moderna, principalmente a ordem de S. Thiago, instituída em 1862, para proteger as fronteiras dos Estados cristãos e que “invocou a cruz e a defesa da terra natal como símbolos da esperança e do futuro das nações modernas” (Rattazzi, 1882: 55) materializa mais uma vez o imaginário sacro cristão de Portugal e que se consolida na figura do herói santo. Santidade essa, aliás, evocada também pelo quarto e último mitologema identificado por Durand que se refere às imagens de “transubstanciação, da transformação milagrosa da água em vinho ou do pão dos pobres em rosas” (2000: 96).

No entanto, esse imaginário sacro cristão é iconoclasticamente tratado por Rattazzi ao observar as ações do clero e afirmar que os padres se portam como gente comum na sociedade, comiam, bebem, fumam e transitam solertes entre o sagrado e o profano.

Embora possa chocar conservadores atuais que, diante do enraizamento dos mitos cristão na imagem de reis salvadores, rainhas e princesas santificadas, do ponto de vista do imaginário e suas transformações essa ambiguidade não causa espanto. Um dos muitos santos de devoção católica portuguesa é exemplo dessa mistura: o beato português “São” Gonçalo de Amarante.

As festas em sua honra caracterizam-se por rituais de culto à “prosperidade, fertilidade e reprodutibilidade” (Pereira, 2021: 124) por todo o território português (e no Brasil), salpicadas por elementos de sensualidade pagã – reminiscências do culto romano do deus Jano – (Pereira, 2021): materializados em pães com formato fálico (Diamantino, 2001/2021, Pereira, 2021: 124) e celebrados com danças marcadas pela “lubricidade e a grosseria nas letras das canções, geralmente obscenas e carregadas de simbologia erótica” (Eustáquio, 2020: 335) o que levou alguns autores a descrevê-lo como um santo entre a batina e o calção (Oliveira, 2013).

Assim, Rattazzi percebe certa “dissonância cognitiva” que permite que o português de sua época conviva com a imagem santificada do clero em Portugal, mas contradita na experiência do cotidiano dos sacerdotes, quem, dentre toda a população pia do país, mais deveria agir como homens santos.

A autora também critica o uso indevido da fé, por parte do clero, para ganhar dinheiro nas festas cristãs, numa apropriação do imaginário e da fé ingênua para objetivos materiais:

Se a sciencia das sciencias é a que melhor sabe utilizar a tolice do homem, é preciso protestar alto e bom som contra os que pretendem que os padres portugueses são ignorantes, — porque em parte alguma do mundo se levou mais longe a arte de fanatizar o povo! As procissões, os cirios, as peregrinações, constituem verdadeiros mananciaes productivos. Investigae o que se passa em torno de vós em certos dias de festa: vede essas exhibições de farrapos, de imagens grotescas, de reliquias mais ou menos authenticas. É feio, repugnante, por veses hediondo; mas tуди isso rende, tudo isso dá dinheiro, muito dinheiro. (Rattazzi, 1882: 27)

5. O imaginário entre críticas e elogios de um relato espontâneo

Recheadas de humor ácido e uma perspicácia nada comum às damas da época, as palavras de Rattazzi retratam Portugal a partir de um olhar estrangeiro crítico e esnobe que compara as culturas lusitana e francesa. Sugere-se que parte desse desdém possa ser resultado da mágoa de alguém que, ligada à monarquia e à nobreza, ainda não havia digerido as frustradas tentativas do exército de Bonaparte de invadir Portugal,⁹ passagens solertemente alardeadas por um povo que, ao contrário da Espanha, frustrou Napoleão.

A obra, entretanto, lhe gerou muitas críticas, notadamente de intelectuais da época como os escritores Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão e Antero de Quental. Críticas que produziram uma defesa, no prefácio da segunda edição, de 1882, justificando que sua obra não era nada mais do que um relato espontâneo de uma vivência de uma viagem.

Tal foi o alvoroço que Castelo Branco chegou a escrever, em 1880, um livro em resposta à obra: *A Senhora Rattazzi*, rebatendo, em linguagem empoadada (mesmo para a época), as críticas e algumas informações escritas pela princesa, em que escreveu:

Calumnía, apenas começa, affirmando, contra o character d'esta boa gente portugueza, que D. Pedro V, e os infantes D.Luiz, D. João e D. Augusto foram atacados do typhoarsenical-envenenados. Uns morreram. D. Augusto ficou atarantado, mas com graça - uma timidez no dépourvue de charme; e D. Luiz, esse, teve de la chance: que duas vezes fôra preservado da sorte de Britannicus. Exceptuados os gremios palurdios d'algumas boticas de provincia, ninguem hoje repete semelhantes atoardas. Quando quizeram por odio politico enlamear a reputação immaculada d'um duque, desembéstaram-lhe o venabulo ao rosto sereno. O aleive cahiu então, e levantou-se agora na indiscreta obra mexeriqueira da senhora Rattazzi. (Branco, [1880] 2001: 4 - 5)

Em busca de rebater as ofensas, no novo prefácio de *Portugal de Relance*, Rattazzi critica as retaliações severas que recebeu simplesmente por opinar livremente e afirma que não sabia que sua obra teria assim tão grande repercussão: “Que seria consultado com proveito por todos os que desejassem conhecer Portugal tal qual é?” (Rattazzi, 1882: 3).

Inscrevi na minha carteira de viagem a observação suggerida pelo que vi, a impressão espontânea do momento, sempre com simplicidade e afastando-me das circumlocações; e se fosse mister descer até ao âmago de cada uma das phrases que tão vivamente foram censuradas e deprimidas, teria farta matéria para quinze prefácios e para outro tanto número de volumes. Se me deixasse deslizar por esse pendor, sahiria fóra da esphera das leis que determinaram o perfil tomado de relance no Portugal, e entraria nos dominios de um estudo correcto, de largueza de vistas, enriquecido de raciocínios, de analyses sobre as cousas e pessoas, usos e costumes. Mas não foi essa a intenção que presidiu ao tracejar d'aquellas paginas, indicando assumptos colhidos ao acaso, no seu perpassar mais ou menos repentino, nas suas cambiantes mais ou menos luminosas, sem commentarios e segundo o meu ponto de vista subjectivo. (Rattazzi, 1882: XI)

⁹ Portugal sofreu diversas tentativas de invasões francesas, entre 1807 e 1810, mas sempre resistiu (Cardoso, 2012).

Ainda nesse mesmo prefácio escrito para a edição portuguesa, Rattazzi mostra-se ambíguo. Na mesma medida em que tece críticas aos modos de vida da cultura portuguesa, diz-se encantada:

Depois do que fica dito, deixo ao meu livro a missão de se justificar. Escrevi-o inspirada pela poesia radiosa e bella de Cintra, pela austera grandeza de Alcobaça; é filho da minha sympathia por um povo que amava e admirava, a quem me prendem um sem numero de recordações affectuosas e gratas que ainda hoje subsistem, embora entresachadas de lacunas tristes. (Rattazzi, 1882: LXVI)

6. Considerações finais

Subvertendo a lógica de partir para o além-mar à procura de novos mundos, buscou-se aqui compreender as terras lusitanas sob a perspectiva de uma mulher cujo olhar reapresentou Portugal aos portugueses e captou e interpretou, de forma peculiar, a cultura do país a partir do impacto que os modos de seu povo e o próprio “espírito das terras” lusitanas teve em seu imaginário pessoal.

A partir da perspectiva fenomenológica de Rattazzi é possível diagnosticar como traços de mitos fundamentais da cultura lusitana (que de tão amalgamados ao cotidiano, mesmo quando não explicitamente expressos) tornam-se elementos que se alimentam do fascínio para com o país.

A obra demonstra que a construção imagética do país em uma obra literária não ficcional pode simultaneamente refletir e dialogar com o imaginário vigente naquele território, e, também, marcá-lo pelas reações despertadas, influenciá-lo.

Assim, sugere-se que o imaginário turístico não é apenas formado pelas suas imagens mais conhecidas e disseminadas, e que muitas das vezes caem num reducionismo simbólico do estereótipo. São também compostas por uma camada simbólica mais profunda e que, sutilmente, se infiltra e sustenta ideologemas abaixo da superfície visível.

Essa camada simbólica pode ser explorada de diversas formas por uma cultura, seja num aspeto turístico, político ou social. Essa exploração foi feita à exaustão nos discursos ideológicos do Estado Novo português dos anos 30 e 40. Salazar, assim como um herói salvador, utilizou os mitos fundadores para sustentar um discurso nacionalista, exaltando e remetendo-se sempre à memória da grande nação para criar, assim, um aparelhamento ideológico fundamentado na nostalgia do passado (ver Rosas, 2001).

Hoje, o Portugal turístico é a expressão de sua culinária, belezas naturais e monumentais; de sua herança mourisca mesclada ao cristianismo católico; de uma relação entre história, hospitalidade e paisagens; do patrimônio histórico imaterial que consolida, une e amalgama os muitos dos elementos do substrato imaginário que identificam o país. A profundidade com que esses elementos penetraram na experiência de Rattazzi e as repercussões que a sua obra despertou apontam tanto para as turbulências que deixar livre a fruição do imaginário pode produzir, quanto para a enorme potencialidade que a mobilização dessas forças, por uma gestão inteligente, pode oferecer para o turismo do país.

Referências

- Araújo, A. F., & Silva, A. B. M. D. (2014). Mitanálise e interdisciplinaridade: Subsídios para uma hermenêutica em educação e ciências sociais. *Revista portuguesa de educação*, 8(1 e 2), 117-142.
- Barros, A. T. M. P. (2010). Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 33(2), 125-143. <https://doi.org/10.1590/rbcc.v33i2.596>
- Branco, C. F. B. C. ([1880] 2001). *A senhora Rattazzi* (Vol. 1). Library of Alexandria.
- Cardoso, R. (2012). *Invasões francesas–200 anos*. Leya.
- Cordeiro, M. J. (2011). Perpetuating tourism imaginaries: guidebooks and films on Lisbon Perpétuer les imaginaires touristiques: guides touristiques et films sur Lisbonne. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 9(3), 249-258. <http://dx.doi.org/10.1080/14766825.2011.620123>
- Dias, I. de B. (2009). Linhagens imaginadas e relatos fundacionais desafortunados. In I. Tomassetti, R. Alvit, A. Garribba, M. Marini & D. Vaccari (Coord.), *Avatares y perspectivas del medievalismo ibérico* (Vol 1) (pp. 181-205). Cilengua. Centro Internacional de Investigación de la Lengua Española.
- Durand, G. (1985). Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mito crítica. *Revista da Faculdade de Educação*, 11(1-2), 244-256. <https://doi.org/10.1590/So102-25551985000100015>
- Durand, G. (1986). O imaginário português e as aspirações do ocidente cavalheiresco. In *Cavalaria espiritual e conquista do mundo* (pp-7-22). Instituto Nacional de Investigação Científica
- Durand, G. (2000). *Imagens e reflexos do imaginário português*. (Trad. Cristina Proença): Hugim.
- Elsner, J. (1992). Pausanias: A Greek pilgrim in the Roman world. *Past & Present*, 135, 3–29.
- Eustáquio, A. R. (2020). São Gonçalo do Amarante: A imagem, a representação, o Sagrado. *Revista de Literatura, História e Memória*, 16(27), 326-344. <https://doi.org/10.48075/rhlm.v16i27.23859>
- Gastal, S. (2005). Turismo, imagens e imaginário. (Coleção ABC do Turismo). Aleph.
- Gravari-Barbas, M., & Graburn, N. (2012). Imaginarios turísticos. *Via: Tourism Review*, (1). <https://doi.org/10.4000/viatourism.1180>
- Katsoni, V., & Fyta, A. (2021). From Pausanias to Baedeker and Trip Advisor: Textual proto-tourism and the engendering of tourism distribution channels. *Turyzm*, 31(1), 11-19. <https://doi.org/10.18778/0867-5856.31.1.11>
- Lavaur, L. (1971). Pausanias: Una guía turística milenaria. *Estudios Turísticos*, (31), 31-75.
- MacCannell, D. (2013). *The tourist: A new theory of the leisure class*. University of California Press.
- Oliveira, V. H. N. de (2013). Entre a batina e o calção: Estudo das imagens e simbolismos de um santo performático. *Plural: Revista de Ciências Sociais de São Paulo*, 20(2), 9-36. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2013.76354>
- Pereira, A. L. (2021). O Charolo de São Gonçalo de Outeiro e o culto do pão no Nordeste Transmontano. *Revista Memória Rural*, (4), 120-137. <https://orcid.org/0000-0002-4365-4704>
- Rattazzi, M. (1882) *Portugal de Relance*. (Vol. I e II). Lisboa: Livraria Editora de Henrique Zeferino.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras.
- Rosas, F. (2001). O salazarismo e o homem novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise Social*, 35(157), 1031–1054.
- Salazar, N. B. (2012). Tourism imaginaries: A conceptual approach. *Annals of Tourism research*, 39(2), 863-882. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.10.004>
- Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: Uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, 22(44), 289-310.
- Serrano, S. (2019). *Mulheres viajantes*. Tinta da China.
- Silva, F. F., Bezerra, L. T., & Nóbrega, W. R. de M. (2019). Imagem e Imaginário como componentes da construção da Experiência Turística do viajante. *Caderno Virtual de Turismo*, 19(2), 1-14. <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.19n2.2019.1389>
- Uriely, N. (2005). The tourist experience: Conceptual developments. *Annals of Tourism research*, 32(1), 199-216. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2004.07.008>

FLÁVIA NASCIMENTO Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Universidade de Aveiro (Portugal) e bolsista da Fundação de Ciência e Tecnologia (Portugal). Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na linha de pesquisa Mídia, Cotidiano e Imaginário, com licenciatura em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela UFPB. Interesses em temas relacionados à Comunicação, Turismo, Jornalismo, Plataformas Digitais, Imaginário e Feminismo. Endereço institucional: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564, Porto, Portugal.

CLAUDIO PAIXÃO ANASTÁCIO DE PAULA possui doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2005), mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), é graduado em Psicologia – Habilitação em Psicologia Clínica – pela Fundação Mineira de Educação e Cultura (1994) e possui bacharelado e licenciatura em Psicologia pela mesma instituição (1993). Atualmente realiza estágio Pós-Doutoral no “Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia” (Ibict/RJ), vinculado ao “Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações” (MCTI). Entre os anos de 2020 e 2021 atuou como Professor Residente no “Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares” (IEAT) da UFMG. Foi Membro do Comitê Executivo da *International Association for Junguian Studies* (IAJS) por um breve período entre 2006 e 2007. Atualmente é Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde coordena o Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII) – grupo de pesquisa registrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Endereço institucional: Departamento de Teoria e Gestão da Informação (DTGI), Escola de Ciência da Informação (ECI), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901, Brasil.

Submetido em 28 junho 2022

Aceite em 10 outubro 2022